



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

edusantos1959@gmail.com

Universidade Nove de Julho

Brasil

de Carvalho Abões Vercelli, Ligia

Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidades, de Tizuko Morchida Kishimoto e
Maria Walburga dos Santos (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2016, 216 p.

EccoS Revista Científica, núm. 44, septiembre-diciembre, 2017, pp. 312-317
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71553908017>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidades, de Tizuko Morschida Kishimoto e Maria Walburga dos Santos (Orgs.).

São Paulo: Cortez, 2016, 216 p.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

Doutora e mestre em educação. Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). ligia@uni9.pro.br

Como pesquisadora de formação de professores, práticas pedagógicas e políticas públicas referentes à educação infantil, minha preocupação está voltada às atividades desenvolvidas nas escolas da infância, uma vez que pesquisas recentes têm apontado que principalmente as crianças de 4 e 5 anos têm sido colocadas em situação de escolarização em detrimento da principal atividade para essa faixa etária, a lúdica.

Diante desse cenário, tenho pesquisado artigos, livros, teses e dissertações que abordam a temática e, nessa busca, deparei com a presente obra. Na apresentação, Tizuko Morschida Kishimoto ressalta que o livro é resultado de pesquisas realizadas por alunos de pós-graduação que freqüentaram as linhas de pesquisa *Psicologia e Educação* e *História e Historiografia* na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) e defendiram dissertações e teses no período de 2000 a 2010, além de outras investigações sobre ludicidade, sob sua orientação. O livro também traz orientações acadêmicas da autora realizadas em Portugal, na Universidade do Minho, em colaboração com a professora Júlia Oliveira-Formosinho, parceria iniciada em 1996 e que perdura até os dias atuais. Outros estudos que compõem a obra também foram produzidos no Grupo de Pesquisa: Contextos Integrados de Educação Infantil, coordenado pelas professoras Tizuko Morschida Kishimoto e Mônica Appenzato Pinazza.

O prefácio, escrito pelo professor João Amado, da Universidade de Coimbra, ressalta a relevância do livro e seu mérito, não somente para pesquisadores e professores, mas também e principalmente para pais e políticos, tendo em vista que os textos apontam para o direito que as crianças

têm de brincar. A obra está dividida em dez capítulos, sendo que cada um deles foi escrito por diferentes autores.

No primeiro capítulo, intitulado *Pesquisas sobre brinquedo no início do século XX*, Tizuko Mochida Kishimoto discorre sobre duas pesquisas quantitativas a respeito da preferência por brinquedos realizadas nas cidades de Belo Horizonte e de São Paulo, no início do século XX, e aponta a escassez dessa modalidade de pesquisa no campo da educação. A primeira pesquisa, conduzida por Helena Antipoff, psicóloga educacional, na cidade de Belo Horizonte, em 1929, contou com o apoio das alunas da Escola de Aperfeiçoamento, que tinha por objetivo formar professoras primárias para atuarem no contexto da educação mineira. Para a realização do estudo à época, Antipoff utilizou-se de um questionário contendo dez questões, aplicado em 760 crianças de 10 a 14 anos. Kishimoto apresenta os resultados referentes somente às questões sobre a preferência dos brinquedos e o que as crianças gostariam de receber como presente de aniversário. A segunda pesquisa descrita foi realizada na cidade de São Paulo pela professora Noemy da Silveira Rudolfer, no Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação, em 1934, com o objetivo de investigar os jogos escolares preferidos pelas crianças dos segundos, terceiros e quartos anos das escolas primárias de São Paulo. O interessante desse capítulo é perceber que Antipoff e Rudolfer, no final da década de 1920 e início da de 1930, entendiam a criança como um ser que tem voz, uma vez que as perguntas foram direcionadas a elas, concepção de criança ainda distante da defendida na ocasião.

Em *Felicidade guerreira: brincar no quilombo*, segundo capítulo da obra, Maria Walburga dos Santos articula, no campo da História da Educação, duas questões atuais, uma voltada à constituição dos quilombos contemporâneos, apresentando um breve histórico dos quilombos no Brasil e a comunidade Bombas, universo da pesquisa, situada no Vale do Ribeira, e como tem se constituído como quilombola. A segunda questão se refere ao lúdico, ao brincar na referida comunidade, apresentando as formas de brincar entre as pessoas na comunidade e no interior da escola. Para responder a segunda questão a autora utilizou-se de uma pesquisa etnográfica pautada nas seguintes categorias: lúdico, jogos e brincadeiras, brinquedos e situações lúdicas. Para cada categoria apresenta quadros seguidos das respectivas análises.

No terceiro capítulo, intitulado *Jogos de tabuleiro: análise na perspectiva histórica*, Lila Cristina Guimarães Vanzella analisa jogos de tabuleiro em sua materialidade e imaterialidade..A autora apresenta várias definições de jogo sob a ótica de diferentes autores: aponta a origem dos jogos na perspectiva de D. Alfonso X (In Luandd, 1988) e Pennick (1992), sua materialidade e imaterialidade, e analisa os jogos “Serpentes e Escadas”, “Moksha-Patamu” (ou “ParamaPadaSopanam”) e Escadas e Escorregadores em suas diferentes versões.

Em *O lúdico na época de Anchieta*, quarto capítulo da obra, Maria Ephigênia de Andrade Cáceres Nogueira pesquisa o universo lúdico na época de Anchieta. Destaca que, pela ausência de material sobre a temática nessa época, recorreu aos documentos da Companhia de Jesus, os quais continham escritos sobre a criança no Brasil. Portanto, a autora apresenta a história de sua fundação, a história da igreja e da importância da cultura europeia católica no Renascimento e sua influência sobre a colonização portuguesa no Brasil. Várias foram as perguntas norteadoras da pesquisa, entre elas: Como os jesuítas enxergavam as crianças indígenas e suas brincadeiras? Teria sido a pedagogia jesuítica a mesma, quanto aos jogos e brincadeiras, no Brasil, em Portugal e nas outras partes do mundo onde eles mantinham colégios? Para responder aos questionamentos a autora fez uso da pesquisa de natureza histórica e, como procedimentos de coleta de dados, utilizou cartas jesuíticas, gravuras e escritos de viajantes e quadros de alguns pintores.

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, no quinto capítulo, *O brincar na formação inicial de pedagogos*, apresenta o resultado de sua pesquisa de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) cujo objeto foi a formação lúdica de professores. Para a realização da pesquisa, Lombardi frequentou, no curso de Pedagogia dessa universidade, a disciplina *Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil*, ministrada pela professora Tizuko Mochida Kishimoto. As 57 alunas que cursavam essa disciplina, à época, foram divididas em grupos para estudar a ludicidade sob a ótica dos seguintes autores: Piaget, Vygotsky, Wallon, Bruner, Gilles Brougère e Paulo Salles de Oliveira. Realizaram estágios nas escolas e, de volta à universidade, discutiram as seguintes categorias: *o papel do educador de brincar junto; conceito de infância e seu reflexo no ensino; a cultura infantil*;

os saberes docentes em contexto; a integração teoria e prática propiciada pelo processo reflexivo. A autora ressalta o quanto o formador de futuros professores tem de estar imbuído de compromisso com a construção de saberes dos alunos fazendo a relação teoria e prática, para que eles possam, no chão da escola, perceber o sentido do que foi estudado. O capítulo é muito significativo por apontar o vai e vem das observações realizadas pelas alunas no cotidiano escolar e as reflexões sobre essas práticas, exercício esse, no nosso entendimento, fundamental para o trabalho docente.

Em *Brincar: oportunidade lúdica nos tempos livre da criança?*, sexto capítulo, Maria de Lourdes Gonçalves Machado Rocha apresenta uma pesquisa realizada em 5 jardins de infância localizados na periferia de um meio urbano, em Portugal, durante o prolongamento do horário (PH), tidos como espaços de educação informal. As crianças permanecem nesse espaço entre 14h30 e 15h. O objeto de estudo foi o tempo livre da criança e se sua maneira de brincar era livre ou espontânea, ou seja “[...] a conduta lúdica da criança que se exprime pela espontaneidade, prazer e liberdade na tomada de decisões, por exemplo: jogos de movimento ou de faz de conta. O adulto não orienta a ação [...]” (p. 164). Para a coleta de dados a autora utilizou-se da observação participante durante o PH e entrevistas com 108 crianças de 4 e 5 anos de idade, educadores e animadores e questionários entregues aos pais, além de fotografias. A riqueza desse capítulo encontra-se nas falas das crianças que, infelizmente, são revestidas da proibições da expressão infantil por parte dos adultos.

Tania Maria Cordeiro de Azevedo, no sétimo capítulo, intitulado *Brinquedos e gênero na educação infantil: estudo etnográfico*, traz o resultado de sua tese de doutorado defendida em 2003 na FEUSP. O universo de estudo foi uma unidade de educação infantil localizada em Niterói/RJ, no qual se buscou identificar, numa perspectiva foucaultiana, as maneiras pelas quais as representações de gênero são produzidas por meio dos brinquedos e brincadeiras de crianças de 0 a 6 anos. A autora inicia o capítulo conceituando gênero e como a escola reproduz as diferenças de gênero no currículo. Também apresenta pesquisas desenvolvidas no Brasil e em outros países tais como Espanha, França e Austrália, apontando que em todos eles as representações sociais sobre gênero são reforçadas pelos professores nas escolas. Na escola pesquisada, as brincadeiras de casinha e com bonecas são direcionadas às meninas; futebol, bonecos de super-

heróis e competição, aos meninos. Dessa forma, a escola disciplina os corpos e os meninos exercem controle sobre as meninas. A autora observou também que a própria professora fez distinção de gênero em diferentes situações. Entendemos a urgência de a escola rever essa questão, uma vez que os brinquedos e as brincadeiras não têm sexo.

No oitavo capítulo, intitulado *O lúdico e a emergência da literacia em creche*, Graça Bandola Cardoso apresenta o resultado de sua pesquisa de doutorado concluída em 2012, na Universidade do Minho. Vale lembrar que o termo “literacia” é sinônimo de letramento. O universo do estudo foi um Centro Comunitário de uma pequena localidade no norte de Portugal que, à época da pesquisa, situava-se numa perspectiva pedagógica de cunho tradicional. As atividades eram selecionadas pelo professor sem que a criança pudesse opinar e participar. As questões referentes ao letramento também eram ausentes das preocupações dos adultos e os livros ficavam fora do alcance das crianças. Não havia, nas salas da creche, qualquer alusão à escrita. A intervenção realizada pela autora implicou no aprofundamento de referenciais socioconstrutivistas, os quais admitem a participação da criança. Com isso, as práticas pedagógicas as envolviam e lhes davam possibilidades de entrar no mundo da leitura e da escrita. O capítulo aponta para a possibilidade de se trabalhar a leitura e a escrita desde a mais tenra infância e traz fotografias das escritas realizadas pelos pequenos.

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi e Letícia Sayuri Morinishi, no nono capítulo, intitulado *Mukashi banashi: narrativas antigas japonesas e transmissão cultural*, abordam a literatura infantil e oriental, focando nas narrativas japonesas Mukashi banashi. As autoras buscaram responder à seguinte pergunta: Tais narrativas, propagadas oralmente de geração em geração com a vinda dos japoneses para o Brasil, no início do século XX, manteriam o processo de transmissão até os tempos atuais? O universo da pesquisa foi uma comunidade de descendência nipônica situada na cidade de Mogi das Cruzes/SP. Para tanto, as autoras fizeram um estudo sobre o surgimento dos Mukashi banashi no Japão, sua introdução no Brasil e como se deu a transmissão.

No último capítulo do livro, *Classificações de objetos lúdicos: sistema COL na brinquedoteca*, Gilles Henrique Tavares de Azevedo, aluno de Iniciação Científica (IC), conceitua sistema de classificação, como

ele ocorre com objetos lúdicos e como o sistema *Classement des Objets Ludiques* (COL), de origem francesa, comporta-se na brinquedoteca da FEUSP em seu processo de classificar, organizar e recuperar jogos e brinquedos. Azevedo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa e explica como ocorrem as classificações de objetos lúdicos. Traz autores que trabalham nessa perspectiva, porém se pauta na obra de Piaget. Além da classificação COL, o autor explica as classificações ICCP e ESAR, respectivamente, *Internacional Council for Children's Play e Exercice, Symbolique, Assemblage e Règles*.

Trata-se de uma leitura muito instigante para todos os educadores, principalmente aqueles que lecionam para crianças pequenas ou formam professores para a educação infantil. A coletânea traz várias proposições e questionamentos que nos levam a refletir sobre a importância da atividade lúdica na prática pedagógica, atividade fundamental para o desenvolvimento infantil.

R
E
S
E
N
H
A
S